

As dez torres

Repentinamente, o leste
impetuoso, dominador veloz desliza
o viril corpo
sobre as águas dos cristalizadores

Em arrepios, as águas
ejaculam
gozosas espumas.

Antes de desaparecerem
o leste, as águas e as espumas,
também, repentinamente, calaram-se
vozes de antigos amores
– tortura de há pouco.
Apagaram-se, então, os rastros
daquelas vozes,
como esquecidos
os rostos imorredouros,
os olhares inolvidáveis,
as paixões invioláveis.
Em explosão
espatifaram-se todas as lembranças.

1 BARROS, Benito. 'Um ser tão...'. [S. l.]: ICEC, 2007. p. 54, 63, 76-77.

Naquele alvoroço, as casas da cidade
sumiram.

Nesse instante, do porto da pescaria,
não mais se avista a cidade.

O que se vê
são as suas dez torres
reverentemente prostradas.

Na planície, as dez torres
ajoelham-se maravilhadas
– tal a força
do sorriso de A.

O sol, o prosaico sol, acanhado
refugiou-se nalgum horizonte ignorado.

A garça na lama – solitária, inerte, silenciosa –
destila inveja
nos raios de si refletidos,
como a criar outro mundo
protegido do sorriso de A.

Momentaneamente, plano
à deriva
aconchegado entre os dois luminosos mundos
– a garça e o sorriso de A.
Depois daquela eternidade,
hão de me achar estilhaçado
no escuro e acre chão
das ações e sentimentos vulgares.

O sorriso de A. e a garça continuarão
a iluminar os infinitos
instantes de explosão do belo.

O azul dos olhos de Ana Clara

Que olhos azuis são os teus, Ana Clara?
Feriram-me, incendiaram-me
os olhos azuis de Ana Clara.

Ana Clara, claro sítio de o amor viver,
que ardis dos teus o azul há de ter?!
Um azul tão azul que de não-azul zomba de ser.

É um azul azul de machucar muita gente.
O fogo desse azul, coitado de quem o tente.

Ana Clara, o azul dos teus olhos,
agasalho de amantes desesperados.
Fugidio e incerto, o porto
dos desejos nesse azul desgarrados.

Quantas sereias no azul dos teus olhos encantas?
Quando a velhice chegar, Ana Clara,
teus olhos suportarão
as tantas ruínas de amor naufragadas?

Ana Clara, a de dois meses de idade,
a de olhos de azul abismo de insanidade.

Ana Clara, bem clarinha,
de olhos azuis azuis, bem azuis,
como se de um azul bem azulado
– violácea claridade.

Morro vermelho

Na lama,
maçaricos alardeiam
vivências opacas
enquanto o sol sarja os cancrios do útero
da aurora.
A pata desconforme do chama-maré urde no azul
o aroma primevo da amanheçença.

Um rola-bosta apunhala o torpor
envaginado na angústia
e desinaugura meu jeito de melancolia.

Quando a tua lembrança e o agreste dos homens
envenenarem
a ilusão,
encorparei as tintas do dia
de lodo, tinteiros e sargaços
para que não fujam às suas sinas de escuridão
e se deleitem mais noturnas.

Lucíferes e satanases guardarão os caminhos
da memória.

Se a noite não se desfizer
no Pacífico
das deslembanças,
restará a paz
embutida nos ossos
do chamamento do implacável
– último e inevitável chama-maré.

Cismo: tudo isso é falso
– o dia, a noite, a morte,
o mar, a vida, a morte.
A morte é falsa.

Como prova,
alugarei uma guindaste para arrancar o azul
daquele teu sorriso a me impedir de viver
o azul
do Morro Vermelho.

Ao fim da tarde, os coqueiros
reverenciam o sol poente
e nuvens paralíticas
– insensível à lascívia do mar –
relembra o sempiterno
sinistro silêncio de Deus.

4 de julho

A América desfila.
Frente a minha varanda dezenas de pardais
equilibram-se ariscos nos fios da posteação da rua.
(Para que servem os fios elétricos
senão para o pouso dos pássaros?)
O terraço donde os miro vira
cais da toada de tambores e pardais.

As aves do sul e do norte
invadem a varanda
e machucam o pouco que resta de são
em minha solidão.

Ao brilho turvo do mel barato desses sons que me
enfastiam
lanço a contraluz dum canto antigo em trevas tecido:

“Diz-me lá, fado meu,
depois de tu consumado
saudades terei do hoje eu
ou do depois por ti forjado?

Meu rio, a que mar entregas
- se em mar algum terei abrigo?
Será meu correr sempre às cegas
entre o arriscado e o perigo?

Não responda, fado meu,
pois tudo assim perde a graça:
do que a luz, antes o breu
que na mente e peito grassa”.

Descansam os falcões, calaram-se os pardais.
E que silêncio, o dos pardais!
A sós: eu e minha varanda.

Agora vejo atravessar ligeiro
a paisagem muda
um comboio de sonhos.
(Uns são tristes, outros resistem em falsa alegria.)
Pude ver de negro fio bordado
na frente da locomotiva
a estação a que seguia:
Melancolia.

Engraçado... Nem bem passado o comboio aparece-me a
levitar,
dalgum vagão regurgitada,
uma nau.
Sou tentado a descobrir o que carrega.
Numa escotilha delinea-se uma estátua de sal.

É tarde...
Explode, estilhaça a paisagem e me cega
um piar intempestivo de pardal.